



Granada

Granada

Guia prática cidades / Plano



História e geografia

Monumentos e museus

Festas e tradições

Gastronomia e artesanato



Antes de Granada ser Granada, existiu nas proximidades uma cidade que recebeu o nome de Elvi-ra, localizada no sopé da serra com o mesmo nome, local por onde andaram fenícios, gregos e cartagineses. Onde hoje se localiza Granada, os romanos edificaram Iliberis, cidade que no século IV, entre os anos 300 e 303, aco-lheu

o primeiro concílio cristão na península. Iliberis passa para mãos visigodas. No ano de 711, os árabes invadem a península. Os primeiros cronistas louvavam as parencenas das terras de Granada com as de Damasco. A nova cidade árabe era habitada por uma abastada comunidade judaica que garantiu a sua segurança enquanto as legiões árabes avançavam até ao norte da Península. Após a batalha das Navas de Tolosa em 1212, o rei al-Hamar de Arjona entrega pacificamente o castelo de Jaén e declara-se súbdito do rei Fernando III com a condição de que o monarca castelhano lhe permita fundar um novo reino em Granada. É aqui que começa a história da Granada nazari. Al-Hamar escolhe a colina Sabika para edificar a sua nova alcáçova a que chamaria Alhambra. Os nazaris perma-neram nela durante mais de duzentos anos. A chegada dos reis católicos Isabel e Fernando ao último bastião árabe na Península Ibérica pressu-põe uma mu-dança radical no modelo da cidade. As mesquitas, transformadas agora em igrejas cristãs, são objecto de belas remodelações executadas por artesãos mudéjares. A Catedral, edificada ao lado da Capela Real, é um hino à grandiosidade, em especial, nas zonas projectadas pelo genial arquitecto renascentista Diego de Siloé. Ao longo dos séculos XVI e XVII, a cidade enche-se de palácios, conventos e mosteiros. O Albayzin continuará a conservar o seu semblante andaluz e, desde finais do século XVIII e ao longo de todo o século XIX, Granada transformase na meca do imaginário romântico. A cidade de Granada conta com mais de três mil horas de sol por ano e uma temperatura média de 22 graus. Os Invernos são rigorosos e frios, os Verões quentes e os Outonos e Primaveras, aprazíveis e com temperaturas amenas.

O Alhambra (1) é um dos conjuntos monumentais mais fascinantes do mundo. Em 1238, o rei al-Hamar mandou colocar as primeiras pedras na colina vermelha da Sabika. Sendo a terra avermelhada, os camponeses da várzea granadina chamaram-lhe al-kalat al Hamrá (o castelo construído de terra vermelha) tomando assim o nome de Alhambra. Os seus sucessores esmeraram-se ainda mais na consolidação e enobrecimento artístico do Castelo Vermelho, onde natureza e arquitectura iriam conviver numa serena e sagrada harmonia. Os estudiosos afirmam que não existe monumento onde a arquitectura e a água formem uma melhor sinfonia, como a que ocorre no pátio dos Leões, onde o som da água está subtilmente integrado na sua refinada arquitectura. O Alhambra foi palácio, cidadela e fortaleza, residência dos sultões nazaris e dos altos funcionários servidores da corte e soldados de elite, entre os séculos XIII e XIV. É actualmente um monumento no qual se distinguem quatro zonas: os Palácios, a zona militar ou Alcazaba, a cidade ou Medina e a quinta agrária do Generalife (4), tudo num ambiente de zonas florestadas, jardins e hortas. Além do mais, integra destacados edifícios de diferentes épocas, como o Palácio de Carlos V, em estilo renascentista, onde se encontra o Museu do Alhambra (2), com objectos provenientes principalmente do próprio conjunto. Outro monumento granadino de visita obrigatória é a Capela Real (40). Edificada por ordem dos Reis Católicos, foi traçada por Enrique Egas em 1504, para localizar nela as sepulturas reais. A Capela Real conta com valiosas talhas e pinturas flamencas e o famoso triptico da Paixão, de Dierick Bouts, que pertence à colecção da rainha Isabel, a Católica e que, pelas suas dimensões e qualidades, é a obra pictórica mais importante de Granada. Junto à Capela Real, em pleno centro de Granada, encontra-se a Catedral (39), cuja construção se iniciou em 1505.



O Dia da Tomada celebra-se a 2 de Janeiro. Nesta festa, de carácter histórico, recorda-se o dia em que os Reis Católicos, depois das Capitulaciones assinadas na próxima Santa Fe a 25 de Novembro de 1491, tomaram posse do Alhambra. Ao amanhecer do dia 2 de Janeiro de 1492, no salão da Torre de Comares, o rei nazari Boabdil entregou as chaves do Alhambra e da cidade. A Semana Santa transforma Granada em paixão nas semanas que anunciam a Primavera. Esta celebração religiosa começou a celebrar-se em Granada pouco tempo depois da conquista cristã. Cerca de trinta confrarias realizam uma estação de penitência desde o Domingo de Ramos até ao da Ressurreição, sendo que em alguns dias se fazem quase meia dúzia de procissões nas ruas históricas da cidade. Granada segue o esquema típico da Semana Santa andaluza, com a particularidade dos seus percursos pelas lindas e estreitas ruas, em especial desde o Albayzin com o lindo Alhambra iluminado ao fundo. Também na primavera, no dia 3 de Maio se revive uma tradição, As Cruzes de Maio, que data de 1625, quando se ergueu uma Cruz de alabastro no Bairro de São Lázaro que foi celebrada com danças. Hoje em dia, é uma celebração que se estende por toda a cidade, apesar dos bairros de Albayzin e do Realejo serem aqueles que continuam a apresentar um aspecto mais curioso e pitoresco. Em Junho, Granada celebra a festa do Corpo de Cristo. A maior festa da cidade começa na Quarta-feira com a procissão da Tarasca, uma mulher vestida à última moda montada num dragão, alegoria da Virgem a pisar a serpente, acompanhada de gigantes e cabeçudos. Na Quinta-feira, faz-se a procissão do Santíssimo.



Terra, horta, várzea e mar. Granada inspirou-se nestes elementos quando compôs a sua variada gastronomia, herdeira além do mais, da época nazari. Muitos dos guisados que se preparam diariamente nos bairros de Albayzin e Sacromonte fazem precisamente apelo aquela cultura. Têm reconhecida fama as sopas de alho ou os caldos de Santo Antão com favas secas, verdinho e morcela da serra. As tortilhas de Sacromonte, com toucinho e chouriço, representam um dos pratos mais reputados da cozinha capitolina. O gaspacho, os caracóis da época ou as favinhas com presunto são outras propostas que os restaurantes da cidade servem diariamente. O ensopado granadino de bacalhau e laranja, as batatas à pobre com ovos estrelados e as migas misturadas com produtos de porco são outras propostas a ter em conta. O emblemático fruto da romá, cuja árvore está omnipresente em cármenes e jardins, é outra das grandes delícias da provincia. Além do mais, marmelos, figos-da-india e almezas enchem os mercados da cidade. Quanto ao artesanato, os luthiers (fabricantes de guitarras) granadinos divididos entre a costa de Gomérez e o bairro do Realejo tornaram-se imprescindíveis para os guitarristas de todo o mundo. Quem sabe, o mais popular dos artesanatos andaluzes, a talha, tem em Granada uma das suas capitais. A colecção decorativa em objectos como arcos, mesas, caixas ou contadores é um percurso pela história da arte.



formas de vida. Sobre o Sacromonte, encontra-se a abadia (22) com o mesmo nome, centro de peregrinação religiosa com séculos de existência. Junto do Albayzin, passa a Carrera del Darro, uma das mais belas ruas do mundo. A rua nasce na praça Nueva e deriva até ao conhecido passeio de los Tristes, passando paralela ao leito do rio Darro. fontes e tanques e as magnificas vistas sobre Granada e o Realejo justificam, por si só, a visita. Descendo já para a costa à esquerda, fica o auditório Manuel de Falla (6) que confronta com a sua outra fachada com a casa museo (7) onde viveu o genial músico gaditano. Quase na porta do Hotel Alhambra Palace, encontra um beco, o do Niño del Rollo, que deve o seu curioso nome a um macabro pilar com ganchos onde se penduravam os restos dos torturados. Hoje em dia, no beco que conduz até às Torres Bermejas (9), encontram-se dois dos núcleos culturais mais interessantes de Granada: a Fundação Rodríguez Acosta (8) e o Instituto Gómez Moreno. Em ambos, destacam-se as suas colecções de arte.

O Realejo

Entre a Puerta Real e O Realejo, encontram-se alguns dos recantos mais íntimos de Granada. Recostado no sopé da colina Maur, o bairro do Realejo foi enobrecido após a conquista cristã com casarões solarengos e palácios renascentistas. Ali, onde antes

No centro do bairro, o Campo do Príncipe onde se encontram inúmeros bares, restaurantes e tabernas típicas.

Recordando Carlos V

Voltar a Granada seguindo os itinerários carolininos e sem ter em



conta os circuitos habituais que mostram a cidade árabe e medieval que os viajantes românticos universalizaram, permitirá descobrir a Granada que o Imperador Carlos V viu e desenhou durante a sua estadia em 1526. Carlos V herdou dos seus avós, os Reis Católicos, o amor por Granada. Passou na cidade uma longa temporada, depois de celebrar o seu casamento com a bellissima Isabel de Portugal em Sevilha e ganhou consciência no terreno da gravidade do problema dos mouriscos ou cristãos-novos e a tragédia deste povo, a quem concedeu uma trégua de cinquenta anos durante a qual poderiam conservar os seus costumes peculiares sem serem incomodados, sempre que não atentassem contra a fé cristã. Quando o Imperador Carlos entrou em Granada no Verão de 1526, descobriu uma das cidades mais exóticas de Espanha, ponto de encontro de duas civilizações, a cristã e a muçulmana. Locais como o Palácio de Carlos V, junto ao Alhambra, marco de magnificas festas cortesãs: o Mosteiro de São Jerónimo (33), residência da Imperatriz Isabel e testemunho de actividades artísticas e literárias: os lindos bosques nos arredores de Granada, cenário de frequentes jornadas de caça: ou acontecimentos como a celebração de grandes festejos na praça de Bib-Rambla para goáudio da cidade perante o anúncio da gravidez da Imperatriz, são locais unidos à memória do Imperador.

co típico com alverca central orlada por uma ampla sebe. Actualmente, o pátio dos Leões tem falta de ornamentação vegetal, mas originalmente tinha canteiros cavados. De estilo renascentista são os pátios da Reka e da Lindaraja, os dois com uma fonte central. Outros jardins combinam estilos diferentes, renascentistas, como o do Adarve, que é um jardim em fonte pendente

com terraços com lindas vistas. Os jardins do Partal são de traçado andaluz e são os mais amplos do conjunto do Alhambra, implantados sobre ruínas de dependências do antigo palácio nazari. Os jardins de São Francisco e do Secano são outros espaços de interesse. O Generalife é de especial importância pelo belo pátio árabe da Acequia e o pátio do Cipreste ou da Sultana, onde se misturam elementos muçulmanos e renascentistas. Além do mais, existem jardins em terraços de estilo italiano nos quais se podem admirar cascatas. O resto dos jardins do Generalife desenham-se com sebes de ciprestes, espécies não utilizadas na jardinagem árabe e numerosas fontes que datam do principio do século e ocupam o local de antigas hortas. Quando se sobe ao conjunto do Alhambra e Generalife, pode admirar-se um frondoso bosque de caducifólios que se mandaram plantar no século XVIII. Na zona antiga de Granada, concentram-se os cármenes, vilas com jardins fechados de grande beleza. Um dos exemplos mais interessantes e mais claro do tradicional jardim-horta hispano-muçulmano é o carmen de los Cipreses, com a sua alverca de origem árabe. O carmen de los Chapiteles conserva reminiscências árabes ainda que a estrutura básica seja do século XVII. A Casa do Chapiz tem um pátio com alverca muito semelhante à de Comares no Alhambra. Também inclui um jardim de traça renascentista, recentemente implantado. O mais extenso dos jardins é o dos Mártires, do inicio do século XIX, com abundante uso da água mas nunca ao estilo árabe. Outros cármenes importantes são o de Acosta, modernista, o de Nossa Senhora das Angústias, o de Santo Agostinho e o de Manuel de Falla. Na estrada para a Serra Nevada, encontramos o Passeio del Salón, uma ampla alameda com árvores frondosas.



existiram mesquitas, foram edificadas igrejas que com os séculos optaram por se sujeitaram aos postulados barrocos. Além do mais, o Realejo é um bairro literário e musical. Nas suas ruas e praças, encontraram inspiração poetas como Manuel de Falla, cuja casa museu é o local de peregrinação diária para os seguidores de um dos compositores mais iluminados do século XX. Na zona alta do bairro, o Carmen de los Mártires (5), abre as suas portas, construído num local onde a tradição situa as masmorras onde se prendiam os cativos cristãos. Depois de conquistada a cidade, converteu-se num convento de carmelitas no qual esteve durante alguns anos como prior São João da Cruz. A água das



Rota dos jardins

Os jardins mais emblemáticos de Granada estão situados no Alhambra e no Generalife, conjuntos declarados Património da Humanidade, assim como o próximo Albayzin. No Alhambra, encontramos pátios de tradição islâmica como o de Machuca ou o dos Arrayanes, espa-



Andalucía

Financiado pela União Europeia

Junta de Andalucía



www.andalucia.org

Oficina de Turismo de Granada de la Junta de Andalucía C/ Santa Ana, 4 Bajo 18009 Granada Te. 958 575 202 Correo e. olgranada@andalucia.org

JUNTA DE ANDALUCÍA Consejería de Turismo, Cultura y Deporte Empresa Pública para la Gestión del Turismo y del Deporte de Andalucía, S.A. C/ Compañía, 40. 29008 Málaga www.andalucia.org

